



ARTIGO DO
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

A INFLUÊNCIA CIPRIÂNICA NA QUIMBANDA BRASILEIRA

PARTE 2:
A NECROMANCIA IBÉRICA NA QUIMBANDA

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO
Autor: Romario Romis

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.¹

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.²

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.³

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.⁴

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna [da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.⁵

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de

¹ Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus.*

² Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

³ Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

⁴ Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus.*

⁵ BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus.*

tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.⁶

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiares, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atraindo e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluido da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.⁷

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.⁸

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.⁹

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.¹⁰

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da

⁶ Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

⁷ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

⁸ Antônio Maria Ramalhe, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

⁹ Stephen Skinner, TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC. Golden Hoard Press, 2014.

¹⁰ Humberto Maggi, SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.¹¹

¹¹ José Leitão, THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE. Hadean Press, 2014.

A INFLUÊNCIA CIPRIÂNICA NA QUIMBANDA BRASILEIRA PARTE 2: A NECROMANCIA IBÉRICA NA QUIMBANDA



Mas o que não sabem os que sustentam os feitiçeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o LIVRO DE SÃO CIPRIANO. Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do São Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o São Cipriano, à luz dos candeeiros.¹²



Como tenho demonstrado nessa série de artigos que acompanham o feitiço do livro O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO, a tradição da Quimbanda no Brasil tem profunda influência da necromancia ibérica transmitida pelos inúmeros feitiços que compõem as edições de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO. Isso tem sido desconsiderado, muitas vezes negado, por falta de conhecimento histórico acerca das raízes e influências que formaram o Culto de Exu na tradição de Quimbanda.

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO é uma coletânea de feitiços populares de toda parte da Europa cuja idade se estende até a Antiguidade.¹³ Ao nos debruçarmos sobre esses feitiços antigos inferimos com clareza os conceitos e ideias necromânticas da feitiçaria ibérica trazidas ao Brasil e que influenciaram profundamente a formação da tradição da Quimbanda. A necromancia de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO é católica, no entanto, sua visão acerca dos mortos remonta a Era Clássica. A escatologia cristã modificou drasticamente a interação dos vivos com os mortos. Na Era Clássica acreditava-se que os mortos podiam interagir e interferir na vida dos vivos. Para os magos e feitiçeiros deste período na história isso era muito bom, pois eles podiam conjurar os mortos e solicitar sua intervenção nos diversos assuntos seculares dos homens. A interação com os mortos ficava a cargo de pessoas preparadas, sacerdotes especializados na *Arte Negra* da necromancia. Essa arte era chamada de *goêteia* e tratava-se apenas do conhecimento e conversação com os espíritos dos mortos.

As condições de vida, a experiência existencial e as circunstâncias da morte definiam o tipo ou qualidade do morto. Dois tipos de mortos, grosso modo, travavam contato com os humanos: os heróis e os mortos sem descanso. Na tradição da Quimbanda eles são equivalentes aos Exus/Pombagiras e os Eguns. Como tratamos em SEGREDOS ESPIRITUAIS DA QUIMBANDA, Exus e Pombagiras são equivalentes aos Heróis cultuados na Grécia Antiga; os mortos sem descanso são os Eguns. E da mesma maneira que existiam classes distintas de mortos sem descanso, também há classes distintas de Eguns: sofredores, obsessores, revoltados etc. O homem da Antiguidade tinha profunda preocupação com grandes feitos, conquistas, vitórias e uma morte honrosa, que incluía morte em batalha e morte de velhice, cumprindo o destino do corpo. Morrer antes da hora, solteiro ou por

¹² João do Rio, AS RELIGIÕES DO RIO, 1904.

¹³ O LIVRO DE SÃO CIPRIANO agrega feitiços de várias partes da Europa e Mediterrâneo. Muitos feitiços são reelaborações de receitas mais antigas que aparecem nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e tábuas de maldição da Antiguidade.

assassinato ou acidente violento eram eventos evitados a todo custo, pois da vida e da morte dependiam o destino da alma. Com advento do cristianismo essas ideias foram suprimidas e substituídas por outras, por exemplo, jovens mortos antes do tempo ingressavam diretamente no Reino dos Céus. Os mortos sem descanso conjurados pelos magos e feiticeiros para intervirem nos assuntos dos homens, no cristianismo, foram identificados como o próprio demônio se passando por deuses e espíritos dos mortos. O culto aos santos e mártires foi a revisão de uma prática necromântica pagã muito mais antiga.

Embora a necromancia de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO seja baseada na escatologia católica, ela se distancia completamente de sua visão, pois na magia cipriânica as almas condenadas ao Purgatório podem ser convocadas para interferirem nos assuntos dos homens; almas dos mortos fora do Purgatório também podem ser convocadas para os mesmos fins; uma classe distinta, os *maus espíritos batizados*, que na Quimbanda identificamos como Quiumbas, também podem ser convocados para fins de magia. Estes *maus espíritos batizados* agem em conluio com os *demônios excomungados*. Notamos na demonologia cipriânica um resgate das ideias necromânticas gregas da Antiguidade e que se estenderam até a tradição da Quimbanda. As almas condenadas ao Purgatório são os antigos mortos sem descanso; as almas fora do Purgatório são os espíritos superiores ou os heróis cultuados pelos teurgos; os *maus espíritos batizados* são almas que foram condenados a vagar como fantasmas, vampirizando e prejudicando os vivos. Na demonologia cipriânica Lúcifer aparece como soberano aos mortos e aos demônios do Inferno, prefigurando sua posição na tradição da Quimbanda como Maioral. Nos feitiços cipriânicos de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO é apresentada a associação de Maria de Padilha com Lúcifer, o que se perpetuou na Quimbanda. Então embora a cosmovisão apresentada em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO seja católica, sua feitiçaria se baseia nos antigos arcanos da magia, um período muito anterior a eclosão do cristianismo e que foram transportados aos Reinos da Quimbanda por herança ibérico-magística. A estrutura hierárquica da demonologia ibérica (e europeia em um contexto mais amplo) influenciou profundamente a formação da hierarquia dos Exus e Pombagiras nos Reinos da Quimbanda. A ideia de mortos assumindo posições importantes na hierarquia infernal e a ideia de que mortos e demônios podem se associar para influenciar a vida humana também teve reflexos diretos na formação da prática de magia na Quimbanda.

Na Era Clássica o culto aos mortos era feito nos cemitérios, pois acreditava-se que os mortos permaneciam ao redor de suas tumbas. Os cemitérios eram zonas de poder onde os mortos poderiam ser mais facilmente convocados e conjurados. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO convoca esse conceito em muitos de seus feitiços. Isso, no entanto, não estava muito longe da escatologia católica, que estabelecia a veneração de relíquias dos santos em santuários e túmulos como uma prática que substituía a antiga e pagã adoração de mortos nos cemitérios. Trata-se uma fórmula geral na necromancia que o túmulo atue como um portal por onde os vivos podem se comunicar com os mortos.

Finalmente, na Era Clássica os mortos sem descanso eram espíritos sofrendores que padeciam em desgraça por castigo a uma vida desregrada e miserável. O túmulo, portanto, tratava-se de um cárcere de padecimento e sofrimento. Para um espírito nessas condições, ser conjurado a trabalhar para um feiticeiro significava melhorar de condição espiritual, pois o espírito sofrendor seria poupado do castigo do submundo ou deixa-

ria de vagar como um errante; passando a trabalhar diretamente para o feiticeiro, o espírito sofredor seria acolhido em uma família ou egrégora pessoal e, com o tempo, poderia melhorar ainda mais a sua condição espiritual. Esse arcano antigo da magia é encontrado nas tradições de Quimbanda, onde Eguns sofredores podem, com o tempo e merecimento, serem integrados nas falanges de Exus e Pombagiras.

Laroyê Exu é Mojuba!
Ζητει Μυστηρια

Fernando de Ligório
Curso de Filosofia Oculta